



Nota de Abertura

Rosa Neves Simas
Presidente Assembleia
Geral da UMAR-Açores

A Difícil Travessia de 2025 para 2026

Neste início de 2026, o 2º ano desta página a que chamamos “Nas Asas da Igualdade” num esforço concertado e continuado para promover a cooperação e a igualdade na nossa sociedade, não está nada fácil a travessia de 2025 para 2026. Pelo contrário, vamos sabendo de situações que não lembrariam ao diabo, como se costumava dizer.

Há poucos dias, a Nobel da Paz de 2025, Maria Corina Machado, preocupada com o futuro da Venezuela, tentou apaziguar a cobiça do instável e insidioso incline da Casa Branca, atribuindo-lhe o prémio. A comitiva Nobel protestou, e com razão. E daqui a uma semana, chega aos cinemas um dos filmes que Hollywood andou a fazer durante 2025 – chama-se “Melania” e documenta o regresso da First Lady mais inconstante de sempre à Casa Branca. Meu Deus, é mesmo disto que o Mundo precisa!

Enquanto isto, convém lembrar que os problemas abundam neste século XXI. Numa sinopse global em que o mundo é uma aldeia de 100 habitantes, haveria 57 asiáticos, 21 europeus, 8 africanos e 4 americanos, 52 são mulheres e 48 homens, e apenas 30% são brancos e cristãos, enquanto 70% não são brancos nem cristãos.

Quanto a condições de vida, 6 pessoas possuem 59% da riqueza mundial, enquanto 75% vivem em condições sub-humanas. Das 100 pessoas, 70 não sabem ler, 50 são malnutridas e 1 tem curso superior. Quem tem comida, roupa, um tecto para se abrigar e vive em paz sem ser perseguido, tem mais do que 75% da população mundial. A desigualdade acompanha a desumanidade.

Sigo o conselho da minha filha e termino dizendo que 2026 também nos traz esperança. Após anos de negociações, o Tratado do Alto-Mar promete melhorar a forma como o oceano é gerido e protegido, enquanto o Acordo Mercosul-União Europeia cria a maior área de livre comércio do mundo – dois exemplos de cooperação entre nações para bem das pessoas e do ambiente.

Saúde e paz em 2026. ■

Anika Wells e os Problemas e Desafios da Era Digital

A manchete de 2025 que achei mais perturbante diz: “Vídeo de violação de menor em Loures foi visto 32 mil vezes” antes que alguém reagisse contra tal barbaridade e contactasse as autoridades. E quem reagiu? Não as pessoas que viram a violação online – 32 mil vezes! – mas o hospital que tratou a jovem vitimada.

Abaixo da manchete lemos que três jovens *influencers* tinham sido indiciados por 51 crimes de violação, sequestro e pornografia de menores, e que a PJ tinha encontrado vários vídeos da violação e procurava mais suspeitos.

A ousadia de cometer um crime de abuso sexual hediondo não bastou. Estes jovens *influencers* descarados, para não dizer mais, sentiram-se no di-

reito de filmar o crime e exibi-lo online! Parece impossível, mas aconteceu, em Portugal, no ano passado.

Já percebemos que, neste país e nos outros, os problemas e desafios da Era Digital são muitos, e que a Internet e as Redes Sociais representam um enorme perigo, especialmente para as crianças e jovens. Neste cenário perturbador, sabemos também que as grandes empresas tecnológicas têm feito tudo para continuarem incólumes e livres de quaisquer restrições e controlos algorítmicos. Sediadas nos Estados Unidos, sabem que podem contar com o presente incline da Casa Branca para defender o seu poder e poderio, arrasando qualquer legislação reguladora.



Enquanto isto, do outro lado do mundo, Anika Wells tornou-se a deputada mais jovem da Austrália e, em Dezembro passado, voltou a fazer história. Dizendo que não se sente intimidada pelas empresas de *big tech*, a agora Ministra das Comunicações foi responsável pela medida pioneira que fez da Austrália o primeiro país a banir redes sociais a menores.

Disse à BBC: Não me sinto intimidada pelas grandes tecnológicas porque compreendo o imperativo moral do que estamos a fazer. Estamos firmes ao lado dos pais e não das plataformas. Força, Anika! ■



Janela para o Futuro

Francisco Garcia
Presidente, Junta
Freguesia da Conceição

Igualdade de Género, Ontem e Hoje

A igualdade de género é hoje um princípio fundamental para o desenvolvimento das nossas comunidades.

Quem, como eu, viveu a realidade dos anos 90, lembra-se bem de como certas diferenças eram aceites quase como naturais. Muitos papéis sociais eram atribuídos automaticamente a homens e mulheres, e as oportunidades raramente eram equitativas. Havia barreiras silenciosas que, embora nem sempre assumidas, limitavam escolhas e caminhos de vida.

Nas últimas décadas, demos passos importantes. A educação, a participação cívica, a intervenção das organizações da sociedade civil, e uma maior consciência coletiva permitiram desconstruir preconceitos profundamente enraizados. Hoje, falamos de igualdade de género com mais abertura e maturidade, reconhecendo que uma sociedade inclusiva é também uma sociedade mais justa e mais forte. Ainda assim, o caminho não está concluído. Persistem desafios que exigem

atenção: a valorização profissional, a conciliação familiar, a violência baseada no género e a necessidade de garantir que todas as pessoas se sintam seguras e respeitadas. Enquanto freguesia, temos a responsabilidade de promover este compromisso diariamente. A igualdade de género não é apenas um ideal; é uma condição essencial para o bem-estar e para o futuro da nossa comunidade. É com este espírito que continuaremos a trabalhar na Conceição. ■

Do Cabelo Rapado às Algemas de Cilia: O Corpo da Mulher como Troféu de Guerra

Paris, agosto de 1944. Tesouras cortam o cabelo de uma mulher na praça pública. A multidão aplaude. Alguém pinta uma suástica na sua testa rapada. Ela tem uma criança nos braços — nascida de um soldado alemão. Vinte mil francesas sofreram este ritual entre 1944 e 1946. O nome técnico é *épuration sauvage*, depuração selvagem para o crime de *collaboration horizontale*, colaboração horizontal. Dormir com o inimigo.

Não importa que muitas tenham sido violadas. Não interessa que trocassem sexo por comida, por cartões de racionamento, que fossem portanto coagidas. O cabelo feminino é símbolo de sedução, e ao rapá-lo os homens reapropriavam-se do que lhes pertencia. A honra nacional reside no controlo do corpo das mulheres. Quando esse controlo falha, a punição é pública, física, irrevogável.

Caracas, 3 de janeiro de 2026, três horas da madrugada. Comandos norte-americanos invadem o Palácio de Miraflores. Não atacam um bunker militar, penetram o quarto presidencial. Nicolás Maduro e Cilia Flores são arrancados do leito conjugal. Esta violação do espaço doméstico não é acidental. Andrea Dworkin escreveu que não existe diferença estrutural entre a violência do quarto privado e a violência da guerra: ambas operam através da penetração forçada, da submissão de um corpo por outro. Os soldados entram no espaço mais íntimo do casal porque a guerra não se trava apenas em ministérios — trava-se onde os corpos dormem, onde são vulneráveis, onde a nudez os expõe.

Cilia Flores é exibida algemada em solo americano. Camisola verde e amarela, mãos cruzadas, olhar distante. Sem a armadura de “Primeira Combatente”, resta o corpo despido de estatuto. Ela é o espólio, a prova visual de que Maduro foi emasculado. Porque capturar um ditador não basta — é preciso capturar a sua mulher, exibi-la, demonstrar que o harém mudou de

dono. As fotografias circulam nas redes sociais tal como em 1944 circulavam as imagens das rapadas. O meio mudou, a lógica persiste.

Do outro lado do espectro, María Corina Machado tinha recebido, meses antes, o Nobel da Paz. Outubro de 2025. A “Dama de Ferro” da Venezuela, celebrada como guardiã da democracia. Ela jogou segundo as regras do poder: ofereceu lealdade, legitimou a intervenção, confiou no pacto patriarcal. Em *Right-Wing Women*, Andrea Dworkin explica este pacto: a mulher conservadora troca submissão por proteção, aceita o seu lugar na hierarquia masculina acreditando que será recompensada.

Mas quando os helicópteros aterraram em Caracas, Donald Trump profere a sentença: “Ela é muito simpática, mas não inspira respeito (...) Acho que seria muito difícil para ela liderar o país. Não tem apoio (...)”. María Corina descobre que o ferro da “Dama de Ferro” é ornamental. Os verdadeiros donos do poder, os homens com Delta Force e contratos petrolíferos, não partilham soberania. A Venezuela não é libertada, é gerida. O Nobel serviu para lavar a invasão com retórica moral, mas quem governa não são as mulheres premiadas — são as corporações texanas que extraem crude enquanto fotografam Cilia algemada.

Dworkin disse que a mulher no patriarcado é território permanentemente ocupado. A única variável é a identidade do ocupante. Cilia passa da ocupação de Maduro à dos Estados Unidos. Não há libertação, há transferência de posse. María Corina, por seu turno, descobre que a sua aliança com o poder ocidental não a torna parceira: torna-a útil. E quando deixa de servir, é descartada com a mesma facilidade com que se descarta uma ferramenta gasta.

A dicotomia medieval mantém-se intacta em 2026: a prostituta e a virgem, a bruxa e a santa. Cilia é o corpo a humilhar; María Corina, o corpo a coroar. Mas ambas são corpos, definidos não pelos

seus atos políticos, mas pela sua relação com homens que detêm armas. Ambas instrumentalizadas. Ambas, no fim, irrelevantes para as decisões que contam.

Hoje não precisamos de tesouras na praça pública. O Instagram, o Tiktok e o X bastam. A humilhação digitaliza-se, viraliza, perpetua-se em servidores. Mas a estrutura é a mesma de 1944: o corpo feminino como troféu, como símbolo, como campo onde se joga a guerra entre machos.

A justiça feminista não se satisfaz com meias-palavras. Estas mulheres não são agentes, são peças. Enquanto celebrarmos a “Dama de Ferro” sem questionar quem forja o ferro, enquanto exibirmos a “colaboradora” sem questionar quem define colaboração, o ciclo persiste. A violência de género adapta-se, democratiza-se, veste-se de Nobel. Mas permanece o que sempre foi: estrutural, implacável, letal. ■

Este texto e fotos são da inteira responsabilidade da autora, Ana Cláudia Ferreira Barbosa, Instituto de Filosofia - Centro de Filosofia e Género, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

